

NASCIMENTO, TIAGO CARLOS LIMA DO; OLIVEIRA, HERICK CIDARTA GOMES DE. "Análise das migrações intrarregionais no semiárido setentrional", p.113-126. In Ricardo Ojima, Wilson Fusco. **Migrações Nordestinas no Século 21 - Um Panorama Recente**, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-ojimafusco-08>

# 5

## CAPÍTULO

# ANÁLISE DAS MIGRAÇÕES INTRARREGIONAIS NO SEMIÁRIDO SETENTRIONAL<sup>1</sup>

Tiago Carlos Lima do Nascimento; Herick Cidarta Gomes de Oliveira

O processo de industrialização e intensa urbanização ocorreram de forma muito rápida no território brasileiro, tendo como marca o ano de 1956, quando pela primeira vez a renda do setor industrial superou a renda na agricultura, modificando assim o custo da força de trabalho e alterando também a estrutura social e territorial do trabalho no Brasil (OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, 2008; SOUCHAUD, FUSCO, 2012).

Nesse período de intensa industrialização concentrada principalmente na região Sudeste do país (OLIVEIRA, 2013), a região Nordeste do Brasil que vinha experimentando um período de crise em sua estrutura econômica tradicional baseada na produção da cana de açúcar no litoral, e na prática da pecuária na região semiárida de seu território (ANDRADE, 2011; FURTADO, 2005). Dentro desse contexto de perda de seu poder econômico atrelado a um sistema de produção baseado no latifúndio, a população encontrava-se exposta ao risco de problemas causados pelos períodos de seca mais aguda, eram vitimadas pelos programas sociais que as elites locais

---

1 Trabalho originalmente apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014.

utilizavam com expedientes manipuladores para manter o *status quo* na região (ARAÚJO, 2000; CASTRO, 2010). Deste modo, as características que expulsavam a população nordestina estariam ligadas às formas de produção socioespacial utilizadas na região que dificultariam o trabalhador estabelecer uma residência fixa (ARAÚJO, 2000; CASTRO, 2010).

Dentro desse contexto, a região Nordeste apresentava as maiores características do subdesenvolvimento, maiores taxas de mortalidade infantil e piores índices de desenvolvimento humano (OJIMA, 2012). Nessa relação dual entre as fragilidades sociais e ambientais encontradas na própria região Nordeste, e o surgimento de novas oportunidades geradas através das novas demandas de trabalho no Sudeste (BARBIERI, 2011), é que se configurou o processo de alta emigração de nordestinos, tendo como destino, principalmente, a região Sudeste do país e os novos empregos gerados pelas novas formas de produção propiciadas pela industrialização e urbanização centralizadoras.

Essa macroestrutura de produção a nível nacional é o fator necessário para a compreensão da alta emigração de nordestinos, que foi crescente até a década de 1970. A partir das informações obtidas no Censo Demográfico de 1980 observa-se uma diminuição dos fluxos de saída de população no Nordeste e o aumento da migração de retorno (RIBEIRO, CARVALHO WONG, 1996). Deste modo, a região Nordeste que foi “estigmatizada” pelo seu clima semiárido, que é caracterizado pelo clima seco com estiagens longas e severas, elementos estes que costumam ser generalizados para toda a região Nordeste no imaginário social (OJIMA, 2013), iniciando nesse período o processo de reinversão dos fluxos migratórios.

Esta reinversão está relacionada a um processo de descentralização nas formas de produção do capitalismo atual, a desconcentração na região Sudeste e as novas formas de produção na região Nordeste, que produzem esses novos fluxos em direção ao Nordeste e uma seletividade migratória distinta dos fluxos das décadas anteriores.

## **NORDESTES**

O Brasil vem passando por um processo de reestruturação em suas formas de produção e mudanças na divisão social e territorial do trabalho. Essas novas formas se constituem em estruturas descentralizadas de empresas, indústrias e polos tecnológicos atraídos por características locais específicas (BENKO, 1999). Esses novos processos influenciam diferentes

formas de urbanização e formas de produção que flexibilizam as relações de trabalho e reproduzem socialmente novos arranjos espaciais (GIDDENS, 1991; HARVEY 2000). Propiciados pela tecnologia da informação, a velocidade quase instantânea que as informações podem atravessar o território e a integração virtual destas empresas e instituições (CASTELLS, 2013), essas novas formas na estrutura social brasileira na atualidade possuem uma maior flexibilização dos mecanismos de mobilização e integração dos migrantes, fenômenos como a migração de retorno (BRITO, 2009), se tornaram mais expressivos e condicionam novos fluxos migratórios no território brasileiro. Desta vez, com novas espacialidades nos seus fluxos migratórios e com uma seletividade no perfil dos migrantes distinto dos antigos padrões de migração.

Na região Nordeste, o processo de reestruturação econômica se deu através do incentivo do Estado através do Grupo de Trabalhos para o Desenvolvimento do Nordeste – GTDN na década de 1950, e que posteriormente se tornou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Através de parcerias entre o capital público e privado, foram realizados investimentos no Nordeste, através destes programas, com o intuito de estimular o desenvolvimento econômico e social da região (ARAÚJO, 2000; VIDAL, 2004; SILVA, 2009).

Através destes investimentos tornou-se possível a criação de polos industriais e agroindustriais na região litorânea e no semiárido nordestino, formando assim áreas de modernização intensas, enquanto outras áreas continuavam a não se inserir neste mercado moderno, agravando desta forma as desigualdades regionais já existentes. Para superar o problema das estiagens sazonais, foram criadas políticas de abastecimento de água pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS, construindo açudes e barragens com o intuito de tornar os fluxos dos rios intermitentes e prover a população com o acesso constante aos recursos hídricos. Contudo, essas obras trouxeram maiores benefícios para os grandes proprietários de terras, e a produção agroindustrial, deste modo, os pequenos trabalhadores agrícolas não tiveram acesso a esses açudes (ARAÚJO, 2010; VIDAL, 2004). A partir do ano 2000 também foram direcionados diversos investimentos para a exploração turística na hinterlândia do Nordeste e em seu litoral, voltados para explorar aquilo que era a sua negação: o sol, o calor e a praia (SILVA, 2009).

Apesar dessas políticas terem logrado um êxito parcial, elas alteraram os espaços de produção, e conseqüentemente, de migração na região Nordeste, produzindo novas formas urbanas no litoral e no semiárido, e alterando os paradigmas da seletividade migratória nordestina.

## ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA MIGRAÇÃO NO SEMIÁRIDO

As migrações no Nordeste possuem um caráter diferenciado por estarem adquirindo uma maior capacidade de retenção e atração populacional. O padrão de alta emigração que perdurou nas décadas de 1950 até a década de 1980 (MARTINE, 1984; BARBIERI, 2011), alterou-se para um arrefecimento em suas taxas de migração negativas (BRITO, CARVALHO, 2006; OJIMA, 2012). Essas mudanças nas taxas de migração do Nordeste se constituem como ponto de partida para compreender as trocas internas de população no semiárido setentrional, suas novas funções e capacidades de atração e repulsão de população.

É importante destacar o processo de urbanização no semiárido, que ocorre de forma mais lenta que nos grandes centros urbanos do país, sendo estimulado pelas relações de produção desigual. Através da migração do rural em direção ao urbano, os municípios brasileiros que obtiveram as maiores taxas de crescimento foram os municípios com menor porte populacional (OJIMA, 2012; OJIMA, MARANDOLA JR. 2012). Indicando uma maior participação dessas “cidades médias”, que são as cidades no semiárido dotadas de maiores funcionalidades urbanas que estão atreladas ao desenvolvimento econômico nestes locais. É importante destacar também a importância do aumento da migração de retorno para o semiárido, onde estes migrantes retornados buscam estabelecer residência próxima aos seus parentes ou pessoas com as quais tenham alguma ligação afetiva (MATOS, 2013).

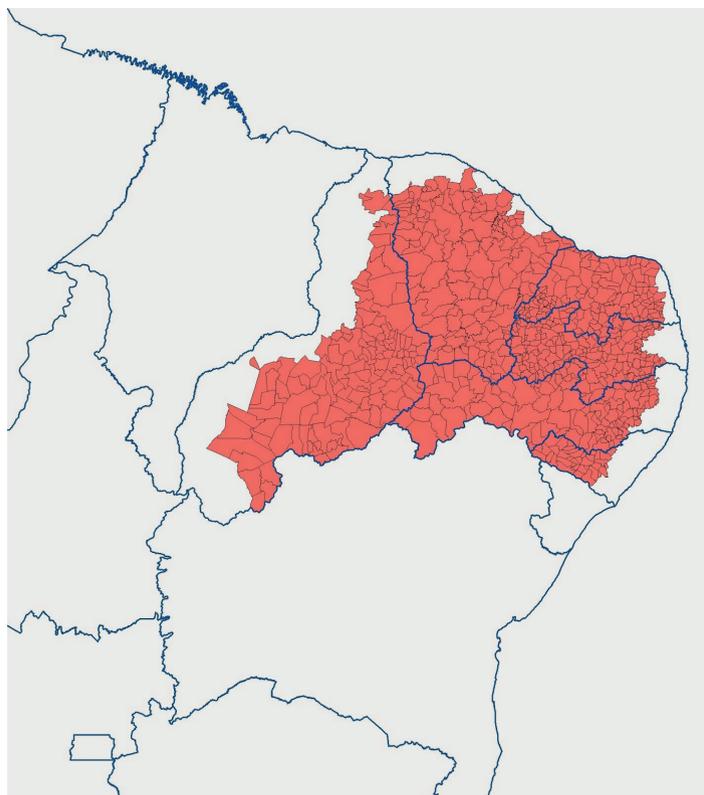
As dinâmicas migratórias entre as UFs nordestinas são marcadas por profundas oscilações em termos de recuperação, absorção e expulsão de suas populações que refletem os processos intrarregionais (BAENINGER, 2012). As regiões metropolitanas nordestinas também possuem uma grande capacidade de polarização, contudo já foi observado o arrefecimento na capacidade de absorção desses centros metropolitanos. Para citar o caso de Recife, há uma considerável transferência populacional para a hinterlândia (FUSCO, 2012).

Através destas reflexões, podemos constatar que a região semiárida do Nordeste está adquirindo novas formas e funções de mobilidade populacional. As observações mais tradicionais que consideravam o sertão como uma região expulsora de sua população não possuem mais fundamentos diante dos fluxos migratórios atuais que se desenvolvem no Nordeste, bem como do crescimento urbano e populacional em determinadas cidades no

semiárido nordestino. Diante desse contexto, buscaremos compreender os fluxos de migração no semiárido setentrional e sua seletividade migratória.

O semiárido setentrional foi escolhido como recorte para análise por se tratar da região mais seca do semiárido, com os maiores índices de subdesenvolvimento e de dificuldades sociais. Ele é composto por 754 municípios que compreendem cerca de 14 milhões de pessoas habitando a região. Assim, objetivaremos o reconhecimento dos espaços em que ocorre a migração e na seletividade dos migrantes, isto é, as diferenças na razão de sexo, idade, renda e grau de escolarização entre a população e a população não migrante. Desta forma poderemos reconhecer as características dos migrantes intrarregionais neste recorte espacial.

Figura 1 – Localização do Semiárido Setentrional



**Fonte:** Projeto “Impacto do Programas de Transferência de Renda sobre a Dinâmica Populacional e Redução da Pobreza no Semiárido Setentrional Nordestino”. Chamada MCTI-CNPq/MDS-SAGI N°24/2013- Desenvolvimento Social.

As informações sobre população, renda, escolaridade, sexo e migração, foram extraídas dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. Os dados de migração utilizados são as informações de data fixa, ou seja, utilizamos a informação da população migrante entre os períodos de 1995 a 2000, e 2005 a 2010. Com estas informações foram elaboradas as Taxas Brutas de Migração, Taxas Líquidas de Migração e o Índice de Eficácia Migratória para os municípios que compõem o semiárido setentrional.

## **MIGRAÇÃO INTERNA EM ALGUMAS CIDADES MÉDIAS DO SEMIÁRIDO SETENTRIONAL**

As cidades médias, dotadas de funções urbanas e atividades econômicas específicas polarizam os fluxos de população no Semiárido Setentrional. Contudo, essas características de atração populacional podem não significar que o migrante se fixa permanentemente nestas cidades, desse modo, elas se destacam como cidades que atraem esses migrantes ou de alta rotatividade migratória, isto é, que apresentam altas taxas de imigração e emigração.

A Tabela 1 apresenta algumas das principais cidades do Semiárido Setentrional segundo o seu volume populacional que nos permite realizar uma leitura dos fluxos migratórios internos nos diferentes contextos do semiárido. Também são apresentadas as Taxas Líquidas de Migração – TLM, Taxas Brutas de Migração – TBM, e o Índice de Eficácia Migratória – IEM, para cada um destes municípios destacados nos períodos referentes as migrações ocorridas no período 1995 a 2000, e 2005 a 2010.

É importante destacar que essas cidades não estão inseridas no contexto das Regiões Metropolitanas nordestinas. Elas representam contextos específicos da dinâmica migratória interna do Semiárido Setentrional.

Na Tabela 1, referente as migrações ocorridas no período entre 1995 a 2000, pode ser observado que a maioria desses municípios apresentam saldos migratórios positivos, reforçando a hipótese que no contexto intrarregional, essas cidades polarizam os fluxos migratórios, enquanto os municípios com menor população vêm apresentando taxas negativas no período referente a 1995/2000.

Tabela 1 — Volume Migrat[or]ios Intra-regionais no Semiárido Setentrional para o Quinquênio 1995 a 2000.

| MUNICÍPIO              | POPULAÇÃO | IMIGRANTES | EMIGRANTES | SALDO | TLM   | TBM  | IEM   |
|------------------------|-----------|------------|------------|-------|-------|------|-------|
| Picos-PI               | 68974     | 2400       | 2240       | 160   | 0,23  | 6,73 | 0,03  |
| São Raimundo Nonato-PI | 26890     | 858        | 475        | 384   | 1,43  | 4,96 | 0,29  |
| Crato-CE               | 104646    | 4653       | 3667       | 986   | 0,94  | 7,95 | 0,12  |
| Icó-CE                 | 62521     | 1295       | 1509       | -213  | -0,34 | 4,49 | -0,08 |
| Iguatu-CE              | 85615     | 3283       | 2334       | 950   | 1,11  | 6,56 | 0,17  |
| Juazeiro do Norte-CE   | 212133    | 9708       | 5443       | 4266  | 2,01  | 7,14 | 0,28  |
| Maranguape-CE          | 88135     | 1724       | 1480       | 244   | 0,28  | 3,63 | 0,08  |
| Sobral-CE              | 155276    | 4464       | 2447       | 2017  | 1,30  | 4,45 | 0,29  |
| Mossoró-RN             | 213841    | 7782       | 6983       | 799   | 0,37  | 6,90 | 0,05  |
| Caicó-RN               | 57002     | 2695       | 1694       | 1001  | 1,76  | 7,70 | 0,23  |
| Currais Novos-RN       | 40791     | 1231       | 1482       | -251  | -0,62 | 6,65 | -0,09 |
| Cajazeiras-PB          | 54715     | 1745       | 1887       | -142  | -0,26 | 6,64 | -0,04 |
| Campina Grande-PB      | 355331    | 9384       | 8652       | 732   | 0,21  | 5,08 | 0,04  |
| Sousa-PB               | 62635     | 1570       | 2023       | -454  | -0,72 | 5,74 | -0,13 |
| Arcoverde-PE           | 61600     | 3556       | 2189       | 1367  | 2,22  | 9,33 | 0,24  |
| Caruaru-PE             | 253634    | 6918       | 5069       | 1849  | 0,73  | 4,73 | 0,15  |
| Garanhuns-PE           | 117749    | 4560       | 3948       | 612   | 0,52  | 7,23 | 0,07  |
| Petrolina-PE           | 218538    | 13649      | 6999       | 6649  | 3,04  | 9,45 | 0,32  |
| Arapiraca-AL           | 186466    | 4935       | 3269       | 1666  | 0,89  | 4,40 | 0,20  |
| Palmeira dos Índios-AL | 68060     | 1677       | 2185       | -509  | -0,75 | 5,67 | -0,13 |

Fonte: Censo Demográfico, 2000

É importante destacar também que os municípios de São Raimundo Nonato no Piauí, Juazeiro do Norte e Sobral no Ceará, Caicó no Rio Grande do Norte, Arcoverde e Petrolina em Pernambuco que apresentam Índices de Eficácia Migratória de 0,29; 0,28; 0,29; 0,23; 0,24 e 0,32 respectivamente. Caracterizando uma maior capacidade não somente de atração populacional, mas também de fixação destes migrantes. Os municípios de Palmeira dos Índios em Alagoas e Sousa na Paraíba são os que se observam

as TLM mais baixas entre as cidades nesse contexto, e ambas apresentam um IEM's de  $-0,13$ . Deste modo, destacamos também um processo desigual no contexto dessas cidades no Semiárido Setentrional. Portanto, os fluxos migratórios intrarregionais em direção às cidades médias não ocorrem de forma homogênea.

Na Tabela 2 podemos observar um aumento nas taxas de emigração nessas principais cidades, onde os IEM's de algumas cidades diminuíram ou se tornaram negativos. O município de Picos no Piauí se manteve com suas características de rotatividade migratória, enquanto outros municípios apresentaram pequenas diferenças em suas taxas. Como destaque, temos Juazeiro do Norte que apresenta uma redução no seu IEM de  $0,28$  no período referente a 1995 a 2000, para um IEM de  $0,18$  em 2005 a 2010, e também, um aumento na sua TLM de  $2,01$  para  $2,31$  neste intervalo de tempo. Isso se deve ao aumento expressivo em seus fluxos de entrada e saída de pessoas que praticamente dobrou nesse intervalo de tempo. Inclusive, este processo de aumento no volume dos fluxos de migração se repete para todos os municípios aqui apresentados. Há um aumento nas TBM em todos os municípios neste intervalo, indicando o crescente aumento no fluxo migratório envolvendo esses municípios.

Neste intervalo, Sobral deixa de ser um município de atração populacional com um IEM de  $0,29$  em 1995 a 2000, para se tornar um município de rotatividade migratória com um IEM de  $0,06$  em 2005 a 2010. Em Arcoverde com a redução no IEM de  $0,24$  para  $-0,12$ , ela passa a ser um município expulsor de população, contexto diferente daquele apresentado no primeiro período.

Os únicos municípios que conseguiram manter o aumento de seus volumes migratórios acompanhado de um aumento nos seus IEM's foram Iguatu de  $0,17$  para  $0,20$ ; Mossoró com  $0,05$  para  $0,18$ ; Caruaru de  $0,15$  para  $0,23$ ; Petrolina com  $0,32$  para  $0,40$ ; e o leve aumento de Arapiraca de  $0,20$  para  $0,21$ ; todos referentes ao intervalo entre os períodos de 1995/2000 a 2005/2010. Deste modo, acompanhando o aumento nos volumes de migração nessas cidades, são estes cinco municípios que conseguiram manter a maior capacidade de fixação da população migrante. Indicando assim uma preferência entre estes polos no Semiárido Setentrional.

A partir deste reconhecimento inicial dos contextos que envolvem essas espacialidades da migração interna na região em estudo, e essas mudanças nos fluxos de menor intensidade para maior intensidade, partiremos para a análise da seletividade destes migrantes intrarregionais.

Tabela 2 – Volumes Migratórios Intrarregionais no Semiárido Setentrional para o Quinquênio 2005 A 2010

| MUNICÍPIO              | POPULAÇÃO | IMIGRANTES | EMIGRANTES | SALDO | TLM   | TBM   | IEM   |
|------------------------|-----------|------------|------------|-------|-------|-------|-------|
| Picos-PI               | 73414,00  | 4146       | 4519       | -373  | -0,51 | 11,80 | -0,04 |
| São Raimundo Nonato-PI | 32327,00  | 1557       | 960        | 597   | 1,85  | 7,79  | 0,24  |
| Crato-CE               | 121428,00 | 9295       | 7852       | 1443  | 1,19  | 14,12 | 0,08  |
| Icó-CE                 | 65456,00  | 2157       | 2702       | -545  | -0,83 | 7,42  | -0,11 |
| Iguatu-CE              | 96495,00  | 7802       | 5195       | 2607  | 2,70  | 13,47 | 0,20  |
| Juazeiro do Norte-CE   | 249939,00 | 18844      | 13079      | 5764  | 2,31  | 12,77 | 0,18  |
| Maranguape-CE          | 113561,00 | 1764       | 1811       | -47   | -0,04 | 3,15  | -0,01 |
| Sobral-CE              | 155276,00 | 7716       | 6845       | 871   | 4,97  | 9,38  | 0,06  |
| Mossoró-RN             | 259815,00 | 17715      | 12302      | 5414  | 2,08  | 11,55 | 0,18  |
| Caicó-RN               | 62709,00  | 4403       | 3234       | 1170  | 1,87  | 12,18 | 0,15  |
| Currais Novos-RN       | 42652,00  | 2068       | 2846       | -778  | -1,82 | 11,52 | -0,16 |
| Cajazeiras-PB          | 58446,00  | 3796       | 4493       | -697  | -1,19 | 14,18 | -0,08 |
| Campina Grande-PB      | 385213,00 | 14691      | 18759      | -4069 | -1,06 | 8,68  | -0,12 |
| Sousa-PB               | 65803,00  | 3285       | 3828       | -542  | -0,82 | 10,81 | -0,08 |
| Arcoverde-PE           | 68793,00  | 5641       | 7140       | -1499 | -2,18 | 18,58 | -0,12 |
| Caruaru-PE             | 314912,00 | 20214      | 12639      | 7576  | 2,41  | 10,43 | 0,23  |
| Garanhuns-PE           | 129408,00 | 8966       | 9059       | -92   | -0,07 | 13,93 | -0,01 |
| Petrolina-PE           | 293962,00 | 29215      | 12637      | 16578 | 5,64  | 14,24 | 0,40  |
| Arapiraca-AL           | 214006,00 | 9288       | 6074       | 3214  | 1,50  | 7,18  | 0,21  |
| Palmeira dos Índios-AL | 70368,00  | 2749       | 4434       | -1686 | -2,40 | 10,21 | -0,23 |

Fonte: Censo Demográfico, 2010

## ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS MIGRANTES INTRARREGIONAIS NO SEMIÁRIDO SETENTRIONAL

O perfil dos migrantes internos no Semiárido Setentrional atualmente difere das características do migrante nordestino no período entre as décadas de 1950 a 1980, onde as intensas migrações do rural ao urbano caracterizavam uma tipologia de migrante, mais comumente o trabalhador rural em

busca de terras aráveis para praticar a agricultura ou em busca de emprego de baixa remuneração nos centros urbanos. Sendo mais comumente na migração a maior proporção do sexo masculino.

Estes paradigmas diferem das características individuais dos migrantes intrarregionais no Semiárido. Apesar do rigor climático, as diversas formas de produção condicionam características individuais distintas dos migrantes do passado.

**Tabela 3** – Razão de Sexo para as Populações Migrantes e Não Migrantes no Semiárido Setentrional – 2000 e 2010

|                      | 2000         |          | 2010         |          |
|----------------------|--------------|----------|--------------|----------|
|                      | NÃO MIGRANTE | MIGRANTE | NÃO MIGRANTE | MIGRANTE |
| <b>RAZÃO DE SEXO</b> | 96,84        | 88,25    | 97,25        | 89,47    |

Fonte: Censos Demográficos 2000 e 2010.

As Razões de Sexo elaboradas na Tabela 3 para as populações migrantes e não migrantes no Semiárido Setentrional apresentam uma maior proporção de mulheres migrantes do que as proporções observadas entre a população não migrante. Caracterizando uma maior participação da população feminina nos fluxos migratórios intrarregionais no Semiárido.

Outro elemento importante a se considerar é a renda média das populações migrante e não migrante no Semiárido. Os valores estipulados em Reais na Tabela 4 apresentam a renda média da população migrante e não migrante, onde podemos observar que o rendimento médio da população não migrante é maior que a renda média dos migrantes.

**Tabela 4** – Rendimento Médio da População Migrante e Não Migrante no Semiárido Setentrional – 2000 e 2010

|                         | 2000         |          | 2010         |          |
|-------------------------|--------------|----------|--------------|----------|
|                         | NÃO MIGRANTE | MIGRANTE | NÃO MIGRANTE | MIGRANTE |
| <b>RENDIMENTO MÉDIO</b> | 290,00       | 222,00   | 909,00       | 695,00   |

Fonte: Censos Demográficos, 2000 e 2010.

Ainda na Tabela 4 podemos observar que a diferença entre os rendimentos médios da população migrante e não migrante não se alterou. Evidenciando um menor rendimento da população migrante numa diferença por volta de 23,4% para ambos os períodos, ou seja, não houve uma melhora

comparativa entre os rendimentos dos migrantes e não migrantes no intervalo estudado. É importante destacar a importância deste aumento na renda da população não migrante como um elemento dos programas de transferência de renda, que possivelmente, colaborariam para uma diminuição dos fluxos de emigração no Semiárido.

## CONSIDERAÇÕES

Através desta análise preliminar, podemos constatar algumas mudanças nos paradigmas migratórios no Semiárido Setentrional. As migrações de longa distância, com destino a outras regiões do país estão diminuindo a sua expressividade. Os migrantes do sertão nordestino estão migrando cada vez mais em direção aos centros urbanos na própria região Semiárida, que desponta com diversos contextos urbanos e de produção.

Estas cidades médias, por sua vez, estão polarizando os fluxos migratórios e atraindo maiores contingentes de população para os seus centros urbanos. Isto é preocupante para o contexto das pequenas municipalidades da região que apresentam taxas de migração negativas. A saída de população em idade ativa pode comprometer as taxas de crescimento desses pequenos municípios e, conseqüentemente, o futuro que as populações mais envelhecidas se encontrarão nestas pequenas cidades.

Cabe ressaltar que essas cidades médias polarizam os fluxos migratórios de maneira desigual. Algumas dessas cidades médias vêm apresentando um crescimento nas taxas negativas de migração. Isto poderia significar que determinadas cidades médias estariam atraindo a população de outras cidades médias, ou que o contexto urbano precisa ser analisado com maior profundidade. O aumento das taxas negativas de migração em cidades médias no Semiárido pode estar ligado a um contexto de espraiamento urbano com os municípios vizinhos e um aumento da mobilidade. Deste modo, a população destas cidades médias pode estar emigrando em direção a pequenos municípios vizinhos, no entanto, ainda dependem dos serviços urbanos dessas cidades.

O crescente aumento dos volumes de migração nessas cidades médias designa outro perfil de migrante daquele observado entre as décadas de 1950 a 1980. Esta seletividade está ligada na maior participação de mulheres migrantes do que homens. Através desta seletividade entre sexos, podemos considerar que há uma menor tendência na participação da força de trabalho braçal/operária, função desempenhada no passado, em sua maioria, por homens. A maior participação de mulheres nos fluxos migratórios indica

uma maior propensão a desempenhar trabalhos no setor de serviços. Este tipo de trabalho está ligado às funções desempenhadas nos centros urbanos, e possivelmente, com maiores possibilidades de rendimentos.

Em relação a renda média ser menor entre a população migrante, quando comparada a população não migrante, esta é uma informação que ainda precisa ser melhor aprofundado. A análise dos rendimentos médios através de uma divisão entre sexos e grupos etários poderia esclarecer estes diferenciais de forma mais precisa. Como os migrantes são compostos pela população em idade ativa, jovens, e em início de carreira, é compreensível que seus rendimentos sejam mais baixos, no entanto, com uma maior capacidade de aumento em seus ganhos futuros.

Para corroborar esta hipótese seria necessário analisar os diferenciais no grau de escolarização entre a população migrante e a não migrante para sabermos as expectativas desta população migrante no Semiárido Setentrional. Deste modo, podemos caracterizar os fluxos migratórios no Semiárido Setentrional de forma distinta dos fluxos de emigração no passado. A região possui um contexto próprio em sua dinâmica migratória interna que necessitam ser melhor analisados através de seus contextos espaciais de produção, do desenvolvimento urbano destas cidades polarizadoras e as consequências demográficas para toda a região, e também a seletividade dos migrantes e suas consequências para o processo de transição demográfica que o Nordeste, mais tardiamente que as outras regiões do país, está atravessando.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- ARAÚJO, T. B. Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.
- BAENINGER, R. Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes. 1999. 243 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999
- BARBIERI, A. F. Mudanças climáticas, mobilidade populacional e cenários de vulnerabilidade para o Brasil. Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, n. 36, pp. 95-112, jan./jun. 2011.
- BARBIERI, A. F. DOMINGUES, E. QUEIROZ, B. L. RUIZ, R. M. RIGOTTI, J. I. CARVALHO, J. A. M. RESENDE, M. F. Climate Change and Population Migration in Brazil's Northeast: Scenarios for 2025-2050. Population and Environment. Vol. 31, pp. 344-370, 2010.

- BENKO, G. Economia, espaço e globalização: Na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRITO, F. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Texto para discussão n.366. CEDEPLAR, 2009.
- BRITO, F. CARVALHO, J.A.M. As migrações internas no Brasil: as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pelas PNADs recentes. *Parcerias Estratégicas*, Brasília, n. 22, 2006.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- CASTRO, J. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CUNHA, J.M.P. Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Ed. Nepo/Unicamp, 2011.
- FURTADO, C. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FUSCO, W. Regiões metropolitanas do Nordeste: Origens, destinos e retorno de migrantes. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, N. 39, p. 101 – 116, jul. dez./2012.
- GIDDENS, A. As consequências da modernidade. Ed. UNESP, 1991
- HARVEY, D. A condição pós-moderna. Edições Loyola. São Paulo, 2000
- MARTINE, G. Estado, economia e mobilidade geográfica: Retrospectiva e perspectivas para o fim do século. *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 11, n. 1, 1994.
- MATOS, R. Percepção dos moradores e fatores de atração em cidades médias dinâmicas. *Mercator*, Ceará, vol. 12, n. 27, p. 39-55, jan./abr. 2013.
- OJIMA, R. As migrações recentes no Rio Grande do Norte: Notas sobre um estado “ganhador”. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, vol. 27, n. 1, pp. 147-154, 2012.
- OJIMA, R. Urbanização, dinâmica migratória e sustentabilidade no semiárido nordestino: o papel das cidades no processo de adaptação ambiental. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, vol. 15, n. 29, p. 35-54, jan./jun. 2013.
- OJIMA, R. MARANDOLA JR, E. Mobilidade populacional e um novo significado para as cidades: dispersão urbana e reflexiva na dinâmica regional não metropolitana. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, 2012.
- OJIMA, R. et al. Projeto “Impacto do Programas de Transferência de Renda sobre a Dinâmica Populacional e Redução da Pobreza no Semiárido Setentrional Nordeste”. Chamada MCTI-CNPq/MDS-SAGI N°24/2013- Desenvolvimento Social. UFRN, 2014.
- OLIVEIRA, F. Crítica a razão dualista: O ornitorrinco. São Paulo, SP: Boitempo, 2013.
- OLIVEIRA, F. Noiva da revolução; Elegia para uma re(li)gião: Sudente, nordeste. Planejamento e conflitos de classes. São Paulo, SP: Boitempo, 2008.
- SILVA, J. B. Adeus SUDENE, que saudade de Celso Furtado! *Mercator*, Ceará, vol. 8, n. 17, set./dez. p. 25-32, 2009.

SOUCHAUD, S. FUSCO, W. População e ocupação do espaço: O papel das migrações no Brasil. *Revista de Desenvolvimento Regional*, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 5-17, maio/ago 2012.

VIDAL, F. B. Considerações em torno da validade atual da discussão sobre as desigualdades regionais no Brasil. In: *Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Desigualdades Regionais*, Salvador: SEI, 2004.